

A contribuição da nova Xuxa à nossa democracia

Num artigo que publicamos segunda-feira passada nesta página, nosso colaborador J.O. de Meira Penna especulava sobre o caráter "essencialmente lúdico" dos naturais deste que Jorge Amado chamou "o país do carnaval", mostrando que, de modo geral, os brasileiros "brincam com as coisas sérias (a economia, a política, a lei, a ciência, a filosofia, a moral) e levam a sério as brincadeiras" (o carnaval, o futebol, os jogos de azar) e concluiu que nesta perigosa inversão está uma das causas profundas do descalabro generalizado em que temos vivido.

Duvidam? Examinemos as circunstâncias em que os 559 patetas que têm brincado com o futuro dos brasileiros na Constituinte como o Grande Ditador de Chaplin brincava com o globo naquele filme antológico, deram o seu fecho de ouro ao capítulo dos "Direitos Políticos", depois da "comedinha" dos "Direitos Sociais".

Todos já sabem do que estamos falando. Aqueles que se apavoram com o incêndio da falência do Estado que grassa aqui fora, o mais imediato dos frutos da capacidade de discernimento dos comediantes-constituintes, podem-se tranquilizar, porque a nova safra de políticos que elegeremos (se o incêndio não acabar com tudo até lá) virá depurada pela capacidade de discernimento também dos adolescentes do "país do carnaval". Agora no Brasil, pode-se votar a partir dos 16 anos.

Os novos eleitores, que calcula-se que serão pelo menos 5,5 milhões e talvez possam chegar aos dez milhões, continuam sem poder ser responsabilizados criminalmente, sem poder se casar quando e com quem quiserem, sem poder viajar sozinho, sem poder entrar nos cinemas para assistir a certos filmes (flagrante discriminação que a televisão se encarrega de corrigir), sem poder dirigir automóveis e sem poder gerir seus próprios negócios, entre outras injustiças. Mas poderão, doravante, dirigir indiretamente a Nação. As aparentes contradições apontadas são uma mera questão de prioridades. Pormenores que a deixação ordinária, se os comediantes-constituintes deixarem alguma coisa para ela, poderá "equacionar" (como diz o jargão em moda) a seu tempo. Para o momento, basta-lhes a sedutora perspectiva de poderem invadir com sua conhecida lábia também as escolas secundárias, tentando trocar votos por picolé, o que, além de baratear o custo de uma eleição, só ajudará na formação acadêmica de nossos jovens, que já é tão sóbria. A notícia também é auspiciosa para todos os que se têm chateado com a "carefice" da propaganda eleitoral que agora deve passar a ser animada pela introdução de "feras" e "gatinhas" nos filmes que todos nós pagamos, em ainda mais ilimitada "armação"...

Mas, como dissemos, o que nos interessa mais é tentar demonstrar a verdade da afirmação de nosso colaborador. Nossos adolescentes não têm culpa pelo que ganharam. Deixemos de lado também, por enquanto, as especulações sobre o que teria levado o nobre constituinte Hermes Zanetti, daquele PMDB a quem todos já devemos tanto, a tentar medida de tão profundo alcance social e tão imprescindível ao aperfeiçoamento de nossa democracia, sem que houvesse sequer a reivindicação dos interessados. Deixemos de lado a exumação daquela surrada tática que as esquerdas de ultramar abandonaram em meados da década de 60 de tentar cooptar a juventude e instrumentalizar a sua natural inclinação revolucionária tratando-a como uma classe, e deixemos de recordar aos nossos progressistas equivalentes aos conservadores da China e da URSS, que seus correligionários de ultramar desistiram dessa tática precisamente porque acabaram descobrindo que eles próprios na sua condição de representantes do status quo, eram o alvo preferencial da revolução que a juventude pretendia fazer. O que nos interessa, como dissemos, é descobrir, nas circunstâncias em que mais esta "conquista" foi alcançada pelos nossos progressistas, a confirmação da verdade da afirmação de Meira Penna.

É conhecido o fenômeno que leva os homens, na senectude, a voltarem à infância. Num país que não se caracterizasse por brincar com as coisas sérias e levar a sério as brincadeiras, seria, assim, de se esperar que algum constituinte consciencioso propusesse a interdição de representantes que dessem sinais notórios de ultrapassar esse perigoso limite. No país do Carnaval, contudo, nada é mais apropriado do que a escolha que o autor de mais esta piada impagável, o citado deputado Hermes Zanetti, fez para comandar o "xôu" de apresentação do seu projeto: o senador Afonso Arinos que, aos 82 anos, é o mais velho dos constituintes.

Compreensivelmente comovido, e imbuído da importância de sua missão, o provento senador da "Nova" República caprichou na retórica e na dignidade para dirigir-se não só aos "baixinhos" que enchiam as galerias do Congresso "para defender os seus direitos" — e por que não? — como também ao egrégio plenário. Não foi necessário um esforço exagerado para convencer os probos legisladores, uma vez que todos estavam notoriamente dispostos a entrar em mais esta brincadeira. Assim o senador pôde alongar-se na descrição da sua emoção pessoal. Foi o que lhe ensejou revelar aos "baixinhos" a dimensão de sua contribuição para o aperfeiçoamento de nossas instituições em toda a sua longuíssima carreira: "É o coroamento, a alegria, o reconforto, um prêmio!", bradava o novo concorrente da Xuxa aos "baixinhos" nas galerias, entre lágrimas malcontidas de justa emoção, "poder, ao término da minha vida política, defender esta emenda do interesse de toda esta garotada". Mas, depois da emoção os argumentos sólidos, como pede a pesada missão constitucional: "Os menores de 16 anos têm hoje maturidade suficiente para votar. Eles adquirem formação através da informação, pois a televisão os coloca em contato com os dramas da vida e não apenas com a festa. Os jovens nessa idade já possuem discernimento e desenvolvimento mental suficiente para escolher para si e para eleger. A tradição no Brasil não é a da maioridade aos 16 anos mas aos 15 anos, como foi para o imperador". Os anais do Congresso não registram o "beijim, tchau-tchau", hoje de lei nos discursos dirigidos "à garotada"...

Apesar de tudo, temos de admitir que os fatos estão com o senador. O imperador certamente não teve a vantagem de ter a sua formação e a sua informação ajudada pela televisão e mesmo assim "desempenhou" bem. Não tomou contato com "os fatos da vida" de modo tão explícito como alguns deles são mostrados na telinha; não assistiu às transmissões educativas dos bailes de Carnaval do Rio de Janeiro, mas nem por isso deixou de "chegar lá". Já os adolescentes de hoje têm tudo isso em casa, graças a "Nova" República. Têm ainda a vantagem de poderem frequentar as galerias da Constituinte (embora ainda não possam frequentar certos cinemas) e tomar contato com aquele outro tipo de pornografia que se pratica lá. Mas como argumento definitivo que o novo ídolo dos "baixinhos" (será que vamos ter a boneca Afonso Arinos?) poderia ter usado, sugerimos este: quem pode, com alguma justiça, afirmar por tudo que nossos constituintes já sacramentaram nesta grande brincadeira, que nossos adolescentes de 16 anos em diante são mais desorientados do que eles?

Mas não foi preciso. A emoção e o imperador bastaram, e enquanto tudo queimava aqui fora, 355 dos 559 patetas, em meio à estrondosa ovação, apertaram o botão, dando mais uma decisiva contribuição para a carnavalesca final do País. Quod erat demonstrandum.